

TEORIA ANTROPOLÓGICA E SEXUALIDADE HUMANA

Luiz Mott

Cada vez mais os cientistas sociais, em particular os antropólogos, estão sendo requisitados para auxiliar os órgãos públicos, as organizações não governamentais e a sociedade civil a pesquisar e propor alternativas a fim de entender e enfrentar problemas dramáticos decorrentes da chamada revolução sexual e das transformações das mentalidades e hábitos provocados pelo desenvolvimento de uma cultura marcadamente hedonista-narcisista: problemas como a gravidez infanto-juvenil, o aborto, a fecundação in vitro, o sexo seguro, as novas formas de educação sexual e sentimental, etc.

Com o surgimento da AIDS no início da década de 80, a mais global e destrutiva doença sexualmente transmissível conhecida em toda história, a pesquisa sobre sexualidade humana, adquiriu o mesmo status e grau de urgência dos estudos que a Unesco patrocinou sobre raça e racismo logo após o holocausto nazista. Todos nós orgulhamos do bom trabalho realizado por nossos mestres naqueles anos dramáticos de pós-guerra. Compete a nós, agora, encontrarmos respostas para este novo impasse mundial.

Hoje, frente ao HIV, nenhuma categoria acadêmica, está melhor equipada do que nós, antropólogos, para pesquisar empiricamente e interpretar teoricamente, a diversidade e complexidade de nossa cultura sexual. Cabe-nos missão privilegiada neste mundo globalizado por uma pandemia: mantendo assim aquela mesma coerência advogada pelo jovem Durkheim, ao declarar: "a sociologia não valeria sequer uma hora de dedicação se ela não pudesse ser útil à humanidade."

O tema proposto para este concurso foi Teoria Antropológica. Meu objetivo nesta aula é discutir qual tem sido a contribuição da Teoria Antropológica para a compreensão da sexualidade humana. Para tanto, pretendo

- inicialmente discutir o conceito de teoria, sua importância no processo da construção do conhecimento científico, salientando o papel das construções interpretativas e do aparato técnico etnográfico na elaboração do arcabouço teórico das ciências sociais especialmente no domínio da Antropologia Social-Cultural;
- em seguida, em vez de discorrer genericamente sobre o conjunto das principais formulações teóricas de cada uma das escolas da Antropologia, seguirei a mesma

estratégia da mitológica Ariadne para me guiar neste enigmático labirinto que tem sido a teoria antropológica: tomarei como fio condutor da presente revisão uma área crucial não só na diferenciação evolutiva do *homo sapiens* face aos demais homínidas, como também em nossa diferenciação intra e intercultural: a sexualidade humana, tomada em toda a sua densa e sutil elaboração sócio-simbólica;

- para tanto, discutirei os múltiplos significados do termo "sexo", o lugar e a importância da sexualidade enquanto construção cultural e expressão de relações indissociavelmente físicas e sociais, mas também aqueles comportamentos diretamente ligados a respostas psicofisiológicas que provocam excitação e resultam ordinariamente em prazer;
- entrarei então na parte mais crítica desta aula, o resgate e análise de como as principais escolas de nossa ciência interpretaram o fenômeno sexual neste século e meio de teorização antropológica;
- na conclusão sinalizo alguns temas que considero cruciais e urgentes a serem aprofundados pelo saber e práxis antropológica a fim de enfrentar os desafios que o mundo moderno e a sexualidade contemporânea oferecem à nossa reflexão e ação.

Esta aula, portanto, será dividida em 4 partes:

- 1) a importância da teoria nas ciências sociais**
- 2) a sexualidade humana**
- 3) teorias antropológicas sobre sexualidade**
- 4) conclusão**

As referências bibliográficas completas dos autores aqui citados encontram-se arroladas nas notas de rodapé no original desta conferência.

1. A TEORIA

O termo teoria vem do grego *theorein*, e significa "ação de contemplar, exame, estudo". Esta mesma palavra tem outra acepção menos conhecida: teoria significava na Grécia antiga, "festa solene, procissão ou embaixada que as cidades helênicas enviavam para representá-las nos jogos olímpicos ou para consultar os oráculos". Embora este último significado tente mais a curiosidade investigativa dos antropólogos, pelo seu significado simbólico, festivo e mitológico, vamos nos concentrar na teoria enquanto atitude epistemológica, isto é, conhecimento

especulativo e racional que forma a doutrina ou conjunto de princípios fundamentais da ciência.¹

Segundo Robert Merton, nas ciências sociais, a palavra teoria tem sido empregada de forma bastante diversa, incluindo quase tudo, desde as menores hipóteses de trabalho, as amplas mas vagas e desordenadas especulações, até os sistemas axiomáticos de pensamento, daí o cuidado que se deve ter no uso da palavra, posto que frequentemente, obscurece a compreensão ao invés de suscitá-la.

Merton propõem que as teorias socio-antropológicas sejam de médio alcance, usadas principalmente para servir de guia para as pesquisas empíricas, ocupando uma situação intermediária entre as teorias gerais de sistemas sociais, e as minuciosas e ordenadas descrições de pormenores factuais que não estão de modo algum generalizados. É claro que a teoria de médio alcance também envolve abstrações, embora estejam bastante próximas dos dados observados, para serem incorporadas em conceitos que permitam os testes empíricos.²

Para Jahoda et alii,³ teoria é o conjunto de hipóteses que formam um sistema dedutivo, vale dizer, organizados de maneira que considerando-se como premissas algumas das hipóteses, destas decorram, logicamente, todas as outras. As proposições num sistema dedutivo podem ser consideradas como dispostas numa ordem de níveis diversos onde as hipóteses de nível mais elevado são aquelas que aparecem como premissas do sistema e que servem para induzir as de nível mais baixo.

Qual seria então o papel do fato face à teoria? Ele inicia a teoria mas é necessário o *insight* para relacionar os diferentes fatos; o fato reformula e rejeita a teoria, na medida em que qualquer teoria é passível de modificação; ele redefine e esclarece a teoria, clarificando os conceitos por ela propostos.⁴ Por conseguinte, realizar pesquisa sem interpretação teórica, ou teorizar sem pesquisa, é ignorar a função essencial da teoria como um instrumento para conseguir economia e consistência de pensamento.⁵

Para Karl Popper, deve-se submeter criticamente as teorias à prova dos fatos e selecioná-las de acordo com os resultados obtidos, através da dedução lógica e da

¹ Mora, J.F. **Diccionario de Filosofia**. Madrid, Alianza Editorial, s/d

² Merton, Robert. **Sociologia: Teoria e Estrutura** S.Paulo, Ed.Mestre Jou, 1970, p. 51

³ Jahoda, Sellix, **Cook: Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. SP, Ed. Pedagógica Universitária, 1980, 552-560

Lakatos, E. & Marconi, M. **Metodologia Científica**. SP, ATLAS, 1983

⁵ Goode, W.& P. Hatt. **Metodos em Pesquisa Social**, SP, Cia Ed. Nacional, 1968, p.11-25

comparação dos resultados. Popper indica quatro diferentes linhas para submeter uma teoria à prova:

- 1° Comparação lógica das conclusões umas com as outras, para se testar a coerência interna do sistema;
- 2° Investigação da forma lógica da teoria, com objetivo de determinar se ela apresenta caráter de uma teoria empírica, científica ou tautológica;
- 3° Comparação com outras teorias, para ver se há avanço de ordem científica ;
- 4° Comparação da teoria por meio de aplicações empíricas das conclusões que dela se possam deduzir. ⁶

Sintetizando, podemos considerar a teoria como um conjunto de constructos interrelacionados, definições precisas e proposições heurísticas que apresentam uma concepção sistemática dos fenômenos mediante a especificação de relação entre variáveis com o propósito de explicá-los e se possível predizê-los . Por conseguinte, toda teoria, enquanto meio de "modelagem" e abordagem da realidade é sempre parcial e seletiva, podendo um mesmo fato ser explicado por diferentes perspectivas, sem necessariamente um estar errado.

Na perspectiva epistemológica dominante entre os cientistas contemporâneos, podemos dizer que a principal característica das teorias é o seu caráter provisório. A ciência não caminha através de acumulação linear de conhecimentos, mas apoiada em sucessivos paradigmas, que segundo Kuhn, se substituem sem fim, constituindo-se de um modo marcadamente descontínuo. Considera-se uma teoria correta como a forma mais provável e mais eficiente de explicar tal ou tal conjunto de questões, embora permanecendo aberta a revisões. Nossas verdades são sempre relativas e transitórias, representando o *state of arts* num momento fugidio. Parte de um jogo de conjecturas e refutações que nunca se acaba: uma constante busca sem fim.

O posicionamento crítico de Pierre Bourdieu, reforça esta relativização dos axiomas epistemológicos. Diz o mestre francês: "É artificial a oposição ordinária entre teoria e pesquisa, entre métodos quantitativos e qualitativos, entre registros estatísticos e observação etnográfica, entre busca das estruturas e a construção de modelos baseados no indivíduo. Estas alternativas não têm outra função além de prover a justificação para o vácuo em retumbantes abstrações dos teóricos, e para as observações rigorosamente falsas do positivismo. Também é artificial a divisão entre economistas, antropólogos, historiadores, sociólogos, para legitimar os limites de competência: tais divisões

⁶ Popper, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. SP, Ed. Cultrix, 1996, p.33

funcionam como uma maneira de censura social, responsável por nos proibir atingir a verdade que reside precisamente nas relações entre o domínio da prática arbitrariamente separada." ⁷

Tal introdução justifica-se pois nos auxiliará a melhor perceber as fraquezas epistemológicas de algumas teorias antropológicas, permitindo-nos, no final deste trabalho, apontar linhas e procedimentos a serem adotados pela pesquisa contemporânea a fim de se chegar, senão a uma teoria antropológica da sexualidade, quando menos, seguindo a proposta de **Michel Foucault**, a um resgate das tradições disciplinares elaboradas por nossos teóricos fundantes.

Passo agora para a segunda unidade desta exposição:

2. A SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade humana será nosso fio condutor para acompanhar a diversidade e as principais características das teorias antropológicas. Para unificar nosso vocabulário, iniciamos com informações básicas sobre o fenômeno sexual.

Segundo os biólogos, os primeiros organismos sexuados – as algas - teriam surgido a 2 bilhões de anos, representando a reprodução sexual uma das mais bem sucedidas adaptações da evolução da vida.

O estudo científico do sexo surgiu na Civilização Ocidental, contraditoriamente, na época de maior repressão anti-sexual, na era Vitoriana, segunda metade do século XIX. Até aquela época, predominou no *milieu* pensante ocidental, irrecuperável ignorância e pudico silêncio a respeito da sexualidade humana.

Heródoto, no século V, é apontado por Gregersen, em seu livro *Práticas Sexuais*⁸ como o autor da primeira teoria antropológica relativa à sexualidade, livre da explicação mitológica: para Heródoto, as pessoas que viviam em climas quentes eram sexualmente mais ativas e menos reprimidas do que as que habitam em áreas frias. Foram necessários mais de 1500 anos para que finalmente, em 1980, George **Murdock** testasse essa hipótese: da fato, com uma amostra de 126 sociedades, comprovou ser acertado o insight do mestre grego, observando-se correlação significativa entre sociedades sexualmente dionisíacas e climas mais quentes, predominando, em oposição, tendências sexuais apolíneas em nichos ecológicos mais frios. Neste caso particular, não

⁷ (Bourdieu, Pierre & Wacquant, L. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago, Chicago University Press, 1992,p.28)

⁸ Gregersen, Edgard. *Práticas Sexuais. A História Da Sexualidade Humana*. SP, Roca, 1983

comungo com a crítica que **Leach** faz a Murdock em **Repensando a Antropologia**, equiparando seu trabalho ao de mero "coleccionador de borboletas".⁹

Como enfatizou **Carole Vance**, no clássico *"A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico"*,¹⁰ os antropólogos gozam geralmente a reputação de serem investigadores destemidos dos costumes e práticas sexuais em todo mundo, rompendo os tabus intelectuais *sexofóbicos* comuns em outras disciplinas mais tímidas. Tal reputação, contudo, não corresponde perfeitamente à realidade, pois nossa disciplina compartilha ainda a opinião geral na academia, de que sexualidade não é área inteiramente legítima, lançando dúvidas sobre a própria pesquisa, seus motivos e até sobre o caráter e idoneidade de quem pesquisa temas sexuais.

Para início de qualquer discussão sobre sexualidade humana, e para definir nosso arcabouço conceitual, é fundamental esclarecer quando menos os seis principais significados que o termo sexo pode assumir no discurso científico:

1. **Sexo genético:** decorrente dos cromossomas, o código biológico mediante o qual cada pessoa terá suas próprias características físicas, e que ao se reunirem dois cromossomas XX, o indivíduo será fêmea ou se a união dos cromossomas for XY, nascerá macho;
2. **Sexo gonadal:** composto pelas glândulas responsáveis pela diferenciação dos dois sexos – no homem representado pelos testículos, que produzem os espermatozoides e os hormônios masculinizantes (testosterona) e na mulher pelos ovários que produzem os óvulos e demais hormônios responsáveis pelas características sexuais femininas (progesterona);
3. **Sexo anatômico:** é o aspecto exterior do corpo humano que distingue o aparelho sexual da mulher (vulva) do órgão sexual do homem (pênis), também chamado de órgãos genitais;
4. **Sexo psicológico:** conhecido como "identidade sexual" – é a forma como cada indivíduo percebe e reconhece sua própria condição existencial enquanto pertencente ao universo masculino ou feminino;
5. **Sexo social:** também chamado de "papel de gênero", a forma específica como a pessoa vai representar o personagem que cada cultura atribui historicamente a mulheres e homens através do processo de socialização;

⁹ Marshall, D. & Suggs, R. **Human Sexual Behavior The Range And Diversity Of Human Sexuality Experience Throughout The World**. NY, Basic Books Inc, Publ. 1971

¹⁰ Carole Vance, "A Antropologia Redescobre A Sexualidade: Um Comentário Teórico", ¹⁰ **Physis, Revista De Saúde Coletiva**, Vo.5, N.1., 1995,

6. **Sexo erótico:** hoje referido como "orientação sexual" , ou seja, o objeto de desejo para o qual o ser humano dirige sua libido, podendo ser heterossexual, homossexual ou bissexual.¹¹

Tais distinções são fundamentais para a compreensão da sexualidade humana, pois diferentemente do que ocorre e é observado no mundo animal irracional, onde a diferenciação e performance sexuais são determinadas geneticamente, sendo a resposta instintiva quase igual e padronizada para todos os indivíduos da mesma espécie, entre os humanos, a vivência sexual é marcadamente polimorfa, dada a complexidade do córtex cerebral e a diversidade das respostas culturais. Um mesmo indivíduo pode ser genética, gonadal e anatômicamente macho, e no entanto, identificar-se e viver psicológica, social e eroticamente como mulher – ou vice-versa. Em seu livro **Sex, Gender and Society**, Ann Oakley demonstrou como se dá a construção socio-sexual da personalidade, intelecto, dos papéis sociais e gênero, descartando a hipótese de que os hormônios sexuais produzam um padrão de sensibilidade cerebral explicativo das diferenças do papel de gênero.¹²

Marshall Shallins, já em 1976, em sua contundente crítica à obra pioneira de Edward Wilson, **Sociobiology: The New Synthesis**,¹³ chamou a atenção para "o equívoco de considerar a priori a sexualidade com um fato biológico, pois nenhuma satisfação pode ser obtida sem atos ou padrões socialmente definidos e contemplados, de acordo com um código simbólico, práticas sociais e propriedades culturais. A biologia humana não é um conjunto de imperativos absolutos: é maleável e apresenta enorme plasticidade se comparada com o determinismo a que estão sujeitos os animais. O meio ambiente e a cultura alteram o caráter biológico da sexualidade humana. A biologia, embora seja condição absolutamente necessária para a cultura, é também absolutamente insuficiente e incapaz de especificar as propriedades culturais do comportamento humano ou suas variações de um grupo para outro.¹⁴ Aliás, essa é a mesma crítica que a antropologia feminista faz hoje à própria separação entre sexo e gênero.

¹¹ López Onega, P. **Diccionario de La Vida Sexual**. Barcelona, Editora Dístein, 1976

¹² Oakley, Ann. **Sex, Gender and Society**, NY, Harper Books, 1972. Couto, Edvaldo Sousa. **Transexualidade. O Corpo em mutação**. Salvador, Editora GGB, 1999; Katchadourian, H. **Human Sexuality: A Comparative and Developmental Perspective**. University of California Press, LA, 1979

¹³ Wilson, Edward. **Sociobiology: The New Synthesis**, Cambridge, Harvard Univ.Press, 1975

¹⁴ Mashal Shallins, **The use and abuse of Biology**. Ann Arbor, Univ.of Michigan Press, 1976, XI *New York Review of Books*, 1978:

Mary Douglas é outra que enfatiza a culturalidade da sexualidade humana: a autora de **Purity and Danger** garante que "nada é mais essencialmente transmitido pelo processo social do que o aprendizado do comportamento sexual".¹⁵

A realidade sexual é variável em diversos sentidos. Muda no interior dos próprios indivíduos, dentro dos gêneros, nas sociedades, do mesmo modo como difere de gênero para gênero, de classe para classe e de sociedade para sociedade. Não existe uma categoria abstrata e universal de erotismo ou de sexualidade aplicável para todas as sociedades. O perigo de se imaginar a existência de um biologismo é que pode legitimar perigosas atitudes normativas para a sexualidade, rotulando certas condutas de naturais e outras como desviantes ou nati-naturais.¹⁶

Apesar de sua enorme importância, a sexualidade humana tem sido área bastante negligenciada pelas Ciências Sociais, pela Antropologia em particular, refletindo a execrável sexofobia reinante em nossa tradição judaico-cristã.

Segundo **Marshall & Suggs**, autores do importante *Human Sexual Behavior*, a dificuldade dos antropólogos face aos estudos da sexualidade poderia ser diagnosticada como esquizóide e se reflete claramente em obras mestras da pesquisa etnográfica: no **Notes and Queries on Anthropology**, publicado a partir de 1874 pelo Royal Anthropological Institute de Londres, no Capítulo III, *Estrutura Social*, os autores restringem-se a mencionar a divisão sexual do trabalho, a gravidez, parto, menstruação e magias sexuais, sem abordar propriamente a sexualidade humana enquanto área culturalmente organizada merecedora de investigação sistemática.¹⁷ No **Manual de Etnografia**, de **Marcel Mauss** (1939/1947), a mesmo descaso em relação à sexualidade, tema tratado no capítulo 7, *Fenômenos Jurídicos*, quando aborda os aspectos morais no casamento.¹⁸ Tanto na obra **Anthropology Today**, de Kroeber (1953), quanto no **Dictionnaire de l'Ethnologie**, de Panoff e Perrin (1973), os termos *sexo* e *sexual* sequer constam no índice.¹⁹ Em 1939 **Evans-Pritchard** escreveu pioneiro artigo intitulado "**Sexual inversion among the Azande**": apesar da importância do tema e do prestígio do autor, este artigo ficou guardado na gaveta por 30 anos, só ousando publicá-lo, na *American Anthropologist* em 1970!²⁰

¹⁵ Douglas, Mary. *Natural Symbols. Explorations in Cosmology*. NW, Pantheon Books, 73,p./93

¹⁶ Foucault Michel. , *Herculine Barbin: Diário de um Hermafrodita*. SP, Francisco Alves, 1982

¹⁷ *Notes and Queries on Anthropology*, p.239

¹⁸ Mauss, Marcel. *Manuel d'Ethnographie*. Paris, Payot, p.171 e ss. *Sociologie et Anthropologie*, p.383,

¹⁹ Panoff, M. & Perrin, M. *Dictionnaire de l'Ethnologie*. Paris, Payot, 1973

²⁰ GREGERSEN, *Edgard Práticas Sexuais. A História da Sexualidade Humana*. SP, Roca, 1983

Não deixa de surpreender que a Antropologia tenha trabalhado de forma tão insistente com temas próximos ao sexo – como incesto, parentesco, família, casamento, e não obstante, não avançou até às discussões de gênero e sexualidade. Os antropólogos e antropólogas resistiram à tentação da serpente, recusando comer aquela bendita fruta que abriu os olhos de nosso pais mitológicos permitindo-os reconhecer que estavam nus.

Oportuno lembrarmos aqui a célebre taxinomia proposta por **Michel Foucault**, na *História da Sexualidade*, ao apresentar como característica do Ocidente a *Scientia Sexualis*, enquanto o Oriente seria marcado pela *Ars Erotica*.²¹ Importante igualmente salientar o papel propulsor da própria revolução sexual no desenvolvimento dos estudos sobre sexualidade humana: os movimentos sociais mais uma vez pressionando a Academia para não ficar a reboque da história!

Parto de uma definição sintética da **sexualidade** como "expressão social de relações sociais e físicas, desejos corpóreos, reais ou imaginários por outras pessoas ou por si próprio, incluindo todos os movimentos, vocalizações e reações diretamente ligadas a respostas psicofisiológicas que provocam excitação e resultam ordinariamente em prazer e orgasmo". Quanto ao **sistema de gênero**, pode ser definido como "o conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma o sexo biológico em produtos psico-sociais diferenciados".²² Apresento a seguir, uma ementa para se visualizar a complexidade da sexualidade humana, e quão variáveis são as imbricações que devem ser levadas em consideração na pesquisa etnográfica relativas ao sexo tendo o gênero como referencial:

- 1º. identidade de gênero
- 2º. papel sexual
- 3º. papel de gênero
- 4º. escolha do objeto sexual
- 5º. Identidade sexual.

Se explorarmos estas 5 variáveis nas suas divisões básicas: masculino, feminino, ou ambos – temos 243 possibilidades de combinações concretas, segundo cálculo de **Dennis Wernner**, autor do interessante **Human Sexuality around the**

²¹ Foucault, Michel. *História da Sexualidade*. RJ, Graal, 1980

²² Marshall, D. & Suggs, R., op.cit. 1971, p. 251

World.²³ Há ainda quando menos 5 categorias de orientação sexual que igualmente devem ser levadas em consideração: heterossexual, homossexual, bissexual, travesti, transexual .

Deslocando agora a análise do papel de gênero para o erotismo, eis os principais tópicos que o etnógrafo deve estar atento ao pesquisar a sexualidade em diferentes sociedades humanas, segundo sugestão de Marshall e Suggs: órgãos sexuais; objeto da prática sexual; orgasmo; técnicas de relação sexual; programa para o coito; fatores socio-morais ligados ao erotismo.²⁴

Manuais antigos do Oriente, como **Kama Sutra**, e **O Jardim Perfumado** descrevem 25 diferentes posições de atos sexuais, sendo que o pintor **Giulio Romano**, no século XVI, gravou 16 diferentes modelos de cópula. Com base em pesquisas iconográficas da antigüidade clássica, **Forberg**, já em 1824, mapeou 90 posturas eróticas, sendo destas, 48 coito heterossexual, as restantes, classificadas como parafilias. Basta uma rápida visita a uma sex shop de nossas capitais ou folhear uma das dezenas de revistas eróticas vendidas hoje nas bancas de jornal ou sites na internet, para nos darmos conta, quer através das fotos, quer dos classificados na seção de cartas e encontros, quão enorme é a variedade das alternativas sexuais em nossa sociedade contemporânea. Em época de Aids, o conhecimento de toda a variada morfologia da cultura sexual é vital para se evitar a transmissão sexual do HIV.

Após estas reflexões iniciais onde discutimos primeiro a importância da teoria na construção do conhecimento científico, e agora os diversos significados do sexo e a complexa dimensão cultural da sexualidade humana, passamos ao terceiro item desta exposição:

3. TEORIAS ANTROPOLÓGICAS E SEXUALIDADE HUMANA

O estudo da teoria de uma área do conhecimento, remete-nos inevitavelmente à filosofia da ciência, e no caso da Antropologia, obriga-nos a fazer uma autocrítica da própria ciência antropológica.

A primeira constatação é que seria mais adequado falarmos em teorias antropológicas no plural, tantas têm sido e tão contraditórias as propostas teóricas surgidas em apenas século e meio de existência de nossa disciplina. Como mostramos

²³ *Werner, Dennis: Human Sexuality around the World. New Haven: Human Relations Area Files Press, 1992.*

no início, enquanto hoje os cientistas enfatizam cada vez mais o caráter provisório da teoria, devendo estar sempre aberta a revisões, em seus primórdios, a Antropologia pretendeu chegar logo à explicação final e acabada do fenômeno humano.

Este passo em falso dos fundadores da nossa ciência reflete a arrogância típica da civilização européia da *Belle Epoque*, inebriada pelas fantásticas invenções tecnológicas subsequentes à revolução industrial, redundando num estreito cientificismo da modernidade conquistadora do Século XIX, a um tempo ingênuo e dogmático, que se pavoneava de ter encontrado leis gerais e a solução última para a eterna dúvida metafísica de todo ser dotado de consciência: o que somos, por que somos diferentes, de onde viemos e para onde vamos.

Apesar do sexo ser um tema maior dentro de nossa cultura, a teoria social prestou pouca atenção à sexualidade. Ao fazer uma avaliação retrospectiva das diferentes interpretações da sexualidade humana propostas pelas Ciências Sociais, particularmente pela antropologia, podemos detectar duas grandes correntes interpretativas que reuniram sob sua égide representantes de diferentes escolas antropológicas: o *naturalismo* e o *construcionismo social*. Será portanto a partir destas duas macro-tendências que agruparemos as diferentes teorias antropológicas que se ocuparam desta melindrosa particularidade de nossas vidas: o sexo.

" O trajeto da ciência é homólogo ao da sociedade, diz **Roberto da Matta**, que por sua vez tem a mesma curvatura do indivíduo, que elabora as idéias, transformando-as em teorias, em teorias das diferenças."²⁵ Esta sentença do autor de **Relativizando** reflete adequadamente a maneira como Antropologia absorveu o etnocentrismo de sua época ao abordar a questão sexual.

Na sua infância, nossa ciência sofreu profunda influência da moral vitoriana, ética sexual considerada entre as mais intolerantes em toda história humana. Vários antropólogos pioneiros fascinaram-se pela fantasiosa concepção dos esquemas evolucionistas, que começavam com a idéia de uma suposta promiscuidade primitiva e terminavam logicamente no matrimônio monogâmico.

Avaliando a produção dos pioneiros da Antropologia que escreveram sobre sexualidade, podemos agrupá-los a partir de três tendências: *Antropólogos Conservadores*, que concordam que o comportamento sexual é uma necessidade e que cada cultura soluciona à sua moda - mas entram direto no tabu do incesto e casamento,

²⁴ Marshall, D. & Suggs, R. *Human sexual behavior: The range and diversity of human sexuality experience throughout the world*. NY, Basic Books Inc, Publ. 1971, p.260

²⁵ Da Matta, Roberto. *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 91

com menção superficial sobre atividades pré ou extra-maritais; *Antropólogos Progressistas*: reconhecem o papel do sexo nas atividades humanas, procurando examina-lo tão objetivamente quanto possível; *Antropólogos Sintetizadores*: utilizam dados sexuais de forma comparativa e analítica para elucidar o comportamento humano em geral, vários destes tendo colaborado diretamente na elaboração do *Human Relations Area Files*, aquela fantástica coleção de dados etnográficos que cobre mais de 4 milhões de páginas sobre 300 sociedades, oferecendo um total de 830 informações diferentes sobre sexualidade.

Historicamente, conforme antecipamos há pouco, as primeiras interpretações antropológicas da sexualidade humana basearam-se no que passou a ser rotulado de *naturalismo*. A idéia básica da interpretação naturalista é que um dado padrão de sexualidade é nativa da constituição humana, seja criada por Deus (naturalismo religioso), regida pelos hormônios, ou resultado da evolução (naturalismo científico). O que está por trás destas interpretações é a idéia que nossa sexualidade seria fundamentalmente pré-social. A sociedade controla, canaliza, restringe, mas não conseguiria alterar os fundamentos da sexualidade.²⁶

Dentro desta perspectiva, logicamente, o núcleo da sexualidade só pode ser a reprodução. No mais das vezes, nos escritos antropológicos dedicados a esses temas, faltam descrições dos comportamentos sexuais, mesmo dos reprodutivos: mesmo pressupondo-se a influência do cultural, pressupõe que os atos sexuais possuem estabilidade e universalidade em termos de identidade e significado subjetivo. Tendem os seguidores da escola naturalista a crer na existência de categorias universais, como por exemplo, heterossexualidade e homossexualidade.

É pois tendo como pano de fundo este background filosófico e ideológico, nesta turbulenta segunda metade do século XIX, sob influência deste complexo imaginário vitoriano que surge a primeira escola antropológica: o Evolucionismo.

Os primeiros evolucionistas têm a ambição do estabelecimento de um corpus etnográfico da humanidade: o selvagem do século XVIII torna-se o primitivo, o ancestral do civilizado, cujo destino é reencontrá-lo. A colonização e o colonialismo ajudarão nesta tarefa. Acreditam os evolucionistas que apesar das diferenças raciais, a espécie humana é idêntica, mas com desenvolvimento em ritmos desiguais, devendo passar pelas mesmas etapas, até atingir a civilização. Cabe à ciência descobrir e

²⁶ Connel, R. / Dowsett, G. *Rethinking Sex: Social Theory And Sexuality Research* Melbourne Univ.Press, 1992

determinar as fases ou estágios desta evolução. Os primitivos seriam a infância da humanidade.

Quanto à sexualidade humana, o evolucionismo defende duas idéias básicas:

1. Os seres humanos pré-históricos teriam vivido originária e universalmente em **promiscuidade primitiva**: a suposta horda original era regida por uma total indiferenciação das relações sexuais entre homens e mulheres, onde os parceiros não estariam ligados por nenhum laço durável e não seriam limitados por qualquer proibição de incesto.²⁷
2. Um segundo momento na evolução da sexualidade humana seria o casamento em grupo, onde a **família uterina matriarcal** teria precedido o patriarcado.

A idéia da **promiscuidade primitiva** é atribuída a **Bachofen**, divulgada em 1861 em seu livro **O Direito Materno**, e à qual chamava de hetairismo (do grego "hetaira" ou "hetera", prostituta), construção hipotética que imaginava ter a humanidade vivido a sexualidade primitivamente sem qualquer regra, quando a filiação era considerada exclusivamente por linha feminina, levando à constituição do que chamou de **ginococracia** – hipótese tão acalentada ainda num passado recente por certas militantes feministas e inteligentemente descartada por Maurice Godelier e muitas teóricas do feminismo.

Frazer e **Morgan** estão entre os pensadores que aceitaram a teoria de Bachofen sobre promiscuidade primitiva. **Engels**, por seu turno, emprestou dos evolucionistas não só a hipótese da promiscuidade primitiva, mas também os esquemas explicativos da passagem da selvageria para a barbárie e finalmente para a civilização, alertando àqueles que ousavam negar essa verdade do materialismo histórico, que a intenção destes burgueses era poupar a humanidade deste vergonhoso estágio sexual promíscuo.²⁸

Este grande tema, a promiscuidade primitiva, embora nunca tenha sido documentado, e não passe de mera conjectura, foi de importância crucial para a lógica da teoria evolucionista pois diz respeito à natureza das relações sociais primitivas ou originárias. Consequentemente, remete à concepção da forma assumida pela evolução social em geral, evoluindo paulatinamente a promiscuidade para a poligamia poliândrica

²⁷ Panoff, & Perrin, *op.cit.* 222

²⁸ Engels, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. RJ, Editorial Calvino, 1944, p.43 e ss

e poligínica, para finalizar na forma perfeita do progresso moral: a sagrada família e o casamento monogâmico.²⁹

Cronologicamente, embora na história da teoria antropológica o **Difusionismo** seja a escola que sucede ao Evolucionismo, como tal corrente não produziu reflexões significativas para os estudos da sexualidade humana, mencionaremos mais adiante apenas as contribuições de alguns discípulos de Franz Boas, que ligados a outras correntes interpretativas, pesquisaram temas sexuais, entre eles Murdock, Margaret Mead, e o nosso Gilberto Freyre.

Muito mais que os evolucionistas, foram os funcionalistas os antropólogos que praticamente iniciaram pesquisas sistemáticas tendo a sexualidade como tema.

A **Escola Funcionalista** caracterizou-se por estudar a sociedade como um sistema integrado e coerente de relações sociais, onde nada está fora do lugar ou errado. O centro de referência deixa de ser a Europa: a lógica está dentro da própria sociedade nativa. O Funcionalismo tirou seu modelo das ciências da natureza – cada cultura deve satisfazer às necessidades fundamentais de quem a vive, e se realiza através de instituições, que são respostas originais para atender a estas necessidades e o ponto de partida heurístico para pesquisá-las. O homem tem de ser estudado através da tríplice articulação: social, psicológico e biológico.

A grande estrela do funcionalismo foi sem dúvida **Bronislaw Malinowski** (1884-1942). Aluno de **Frazer**, foi o antropólogo pioneiro em conseguir a despersonalização da própria cultura e penetrar no mais íntimo do ethos nativo.

Segundo Malinowski, uma sociedade deve ser estudada enquanto totalidade tal como funciona no momento mesmo em que a observamos, sem perguntar como chegou a se tornar o que é.

Quanto ao estudo da sexualidade, eis o mandamento do funcionalismo malinowiskiano: "Se se quer compreender, mesmo de modo aproximado, a moralidade sexual de uma civilização completamente distinta da nossa, é necessário não perder de vista o fato de que o impulso sexual nunca é inteiramente livre e de outro lado, jamais pode ser inteiramente subjugado pelo imperativos sociais. Os limites da liberdade podem variar mas sempre existe uma esfera na qual esta liberdade está determinada por fatores biológicos e psicológicos do mesmo modo que existe outra na qual o papel dominante está dado pelo costume e pela convenção."³⁰ Trata-se portanto, de um

²⁹ 65 Lowie, R. *História de la Etnologia*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1937

³⁰ Malinowski, B. *La Vie Sexuelle des Sauvages du Nord Ouest de la Mélanésie*. Paris, Payot, 1970, p.440

naturalismo híbrido, onde biologia, psicologia e cultura participam como fatores constitutivos.

Em 1927 Malinowski publica *Sexo e repressão na sociedade selvagem*, onde reconhece dever muito a Freud pelo estímulo e instrução sobre alguns aspectos da psicologia humana, sobretudo a importância da psicologia infantil na história do indivíduo, estimulando-o ao "estudo aberto do sexo e várias vergonhosas mesquinhas e vaidades do homem, retirando a folha de parreira do nu." ³¹

O substrato argumentativo de Malinowski é que a sexualidade apenas aparentemente seria uma entidade universal platônica, norteadas por impulsos nativos e fixos da natureza humana: para ele o correto é entender o sexo como fenômeno particular, resultado do hábito cultural e não da razão nem do instinto.

Considero crucial a definição apresentada por Malinowski nesta obra do que entende por **instinto**: "*padrão fixo de comportamento, associado a certos mecanismos anatômicos, correlacionados com necessidades orgânicas e evidenciando uma uniformidade geral em toda a espécie*". ³² A meu ver, trata-se da melhor definição até hoje proposta pelos estudiosos deste tema, e muito útil para distinguirmos as respostas que os seres vivos dão às suas necessidades básicas: os homens através de imponderáveis soluções culturais, os demais animais, através do imperativo fixo e universal para toda a espécie – definição válida para todas as necessidades orgânicas.

Refutando o dogma evolucionista, diz ele: "sabemos, com base em Havelock Ellis, Westermarck e Frazer que mesmo nas culturas mais licenciosas, não existe nada que se assemelhe à promiscuidade, nem poderia jamais ter existido. Sempre há sistema de tabus bem definidos, que separam rigidamente certo número de pessoas e excluem categorias inteiras de parceiros potenciais."

Dois anos depois de *Sexo e Repressão*, em 1929, publica *A vida sexual dos selvagens da Melanésia*, defendendo neste livro que o sexo não é mera fisiologia, mas afeto, conquistas amorosas, núcleo de instituições veneráveis como o casamento e a família, inspirador da arte, fonte de encantamentos e magias. O sexo domina quase todos os aspectos da cultura. É muito mais do que uma simples relação carnal entre pessoas: a sexualidade tem uma força sociológica e cultural enorme, cabendo à Antropologia descrever os fatos essenciais da vida, expondo-os de uma maneira completa, em linguagem científica, de tal forma que este procedimento não contem em si nada que possa ofender mesmo ao leitor mais sensível ou mais preconceituoso. Nesta

³¹ Malinowski, B. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis, Editora Vozes, 1973,

obra o mestre funcionalista trata da relação entre os sexos na vida tribal, o status da mulher na sociedade indígena, as relações pré-nupciais entre os jovens, o casamento e divórcio, as formas costumeiras de liberdade sexual, vida amorosa e psicológica, magias e fantasias eróticas.³³

Apesar da importância de seu trabalho etnográfico, o Dr. Alfred Kinsey, o pai da moderna Sexologia, acusou Malinowski de ter medo do sexo, considerando estática sua descrição da vida sexual dos trobriandeses na medida em que omite detalhes sobre suas práticas eróticas. Gregersen, um dos principais compiladores contemporâneos dos estudos sobre sexualidade, concorda com esta avaliação.

Depois do Funcionalismo, foi a **Escola Estruturalista** a corrente antropológica que mais diretamente se interessou pela discussão da sexualidade humana, muito embora o fulcro de sua preocupação seja o tabu do incesto e parentesco e não a sexualidade em si.

Lévi-Strauss e a Escola Estruturalista, fortemente marcados pela lingüística de Saussure e Jakobson, defendem que o fundamental nas relações estruturais ou sistêmicas permanece de maneira latente e que as estruturas mentais inconscientes são universais e estão por detrás de todas as culturas. O crucial na análise estrutural é procurar através do método dedutivo, as estruturas essencialmente inconscientes que podem ser desvendadas a partir de dados empíricos fornecidos pela etnografia, tais como regras de parentesco, mitologia, ritual, arte, ideologias políticas, práticas culinárias e classificações botânicas. O Estruturalismo coloca em evidência o fato que as estruturas assim desvendadas não são características de um nível particular da cultura, mas podem ser encontradas em todas, seja idênticas, seja dedutíveis através de leis simples de transformação, e mais geralmente em todas as práticas e produtos cognitivos da sociedade ou da civilização estudada. Certos críticos colocam em dúvida os pressupostos epistemológicos do Estruturalismo, qualificando-o antes como filosofia ou ideologia burguesa, segundo os marxistas.³⁴

Admirador do livro *Systems of Affinity and Consanguinity of the Human Family* de Morgan, a quem dedicou sua obra magna, *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Lévi-Strauss afirma que: "A vida sexual é duplamente exterior ao grupo. Em primeiro lugar, expressa no máximo grau a natureza animal do homem, atestando, no seio mesmo da humanidade, a mais característica sobrevivência dos instintos;

³² *Idem, ibidem, p.159 e ss*

³³ Malinowski, B. *La Vie Sexuelle des Sauvages du Nord Ouest de la Mélanésie*. Paris, Payot, 1970, p.312

³⁴ Panoff & Perrin, *op.cit.* p. 246

segundo, suas finalidades são transcendentais, já que tendem a satisfazer desejos individuais quanto tendências da espécie, que também vão além das finalidades próprias da sociedade. Se a regulamentação das relações entre os sexos constitui uma invasão da cultura no campo natural, a vida sexual, por outro lado, é um embrião de vida social no seio da natureza: entre tantos instintos, o sexual é o único que para se definir, tem necessidade do estímulo de outrem." ³⁵

Em seu provocativo artigo "**Gênero: um olhar estruturalista**", **Maria Luiza Heilborn** insurge-se contra a visão essencialista de Lévi-Strauss em relação ao dimorfismo sexual da espécie humana, mostrando convincentemente a importância de se reconhecer o sexo como categoria historicamente datada: "não se trata de afirmar que a existência de dois sexos na natureza implique alguma característica substantiva universal, apenas que a estrutura subjacente à montagem das relações de gênero mantém um pendor assimétrico." ³⁶

Após o Estruturalismo a escola antropológica que mais se preocupou com a sexualidade humana é o **Configuracionismo**, tendo como figura de destaque **Margaret Mead**, (1901-1978) aluna de Boas, Radcliffe-Brown e Ruth Benedict suas pesquisas de campo na Melanésia e Polinésia realizaram-se notadamente entre 1925-1939. É a antropóloga que mais escreveu sobre temas sexuais, publicando em 1928 seu primeiro livro, **Coming of Age in Samoa**, (Adolescência em Samoa), dois anos depois **Growing up in New Guinea** (Crescendo na Nova Guiné).³⁷ Apesar de famosos e importantes, ambos trabalhos preocupam-se mais com os mecanismos de socialização e aprendizado dos papéis de homem e mulher pelos jovens, do que propriamente sobre a dinâmica da vida sexual dos nativos.

Sexo e Temperamento, (1ª edição, 1930) é o livro onde apresenta a primeira síntese de suas pesquisas em diferentes grupos étnicos da Nova Guiné. Seu principal foco são os condicionamentos da personalidade e seu desdobramento em papéis sociais dos dois sexos.

Mead aborda o sexo como o conjunto das diferenças orgânicas biologicamente dadas, e o temperamento no sentido de traços psicofisiológicos de uma pessoa, que lhe determinam as reações emocionais, os estados de humor e o caráter. Cada um de nós pertence a um sexo e tem um temperamento, temperamento

³⁵ Lévi-Strauss, C. **Les Structures Elementaires de la parenté**, Paris, Mouton, 1968, p.14 e ss.

³⁶ " Heilborn, Maria Luiza. "Gênero: um olhar estruturalista", in Pedro, Joana > e Grossi, M.P. Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis, Edotra Mulheres, 1998, p.53

³⁷ Mead, M. **Coming of Age in Samoa**. NY, Pelican Book, 1971
Growing up in New Guinea. NY, Pelican Book, 1970

compartilhado com outros do nosso sexo e com outros do sexo oposto. Com base em suas observações sobre três sociedades, os Arapesh, os Mundugomor, Tchambuli a etnóloga norte-americana demonstrou empiricamente a grande plasticidade de impulsos sexuais humanos, muito embora ainda se deixe levar pelo senso comum naturalista, ao defender a existência de "um inato vigor impulsivo do macho e as reações mais lentas das mulheres", afirmação a um tempo ingênua e perigosa, por permitir a legitimação de qualquer exploração social racional escorada em tais diferenças.³⁸ Mead identifica o fenômeno da construção social dos gêneros, embora não tenha levado adiante tal projeto investigativo.

Em seu livro *Macho e Fêmea*, de 1949 – coincidentemente, publicado no mesmo ano de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, a Antropologia Aplicada é sua grande preocupação, postulando que seus estudos deveriam permitir a instauração de uma sociedade melhor através de uma pedagogia menos frustrante para a sociedade americana, pensamento refletido notadamente em três ensaios: "*Os dois sexos na América contemporânea*", "*Pode o casamento durar a vida toda?*" e "*Cada família no seu próprio lar*".³⁹

Apesar de ser a antropóloga que mais escreveu sobre as nuances da sexualidade humana, Mead fornece poucas informações sobre práticas sexuais, estando mais interessada em papéis de gênero e temperamento sexual. Opôs-se à utilização dos métodos estatísticos no estudo da sexualidade humana, quer nas sociedades tribais, propondo se chegar ao padrão ideal através do imaginário dos nativos, quer na nossa própria sociedade, criticando acerbamente a metodologia do **Kinsey Report**.

Após o Configuracionismo, duas correntes antropológicas menores produziram algumas pesquisas na área da sexualidade humana: **a Escola de Chicago e a Escola Desconstrutivista de Sussex**, um sub-ramo do interacionismo simbólico, mas não resta dúvida que foi a corrente conhecida como **Sociobiologia**, contemporânea de ambas, em toda história da Antropologia, a escola que mais discutiu e polemizou a sexualidade humana. Com as recentes e retumbantes descobertas genéticas quase todos os meses divulgadas na revista **Science** e repercutidas pela grande imprensa nacional – propalando o descobrimento do gene da monogamia, o gene da diabetes, o gene da homossexualidade, o gene dos canhotos, e outros mais, a discussão sobre genética e sexualidade humana voltou à ordem do dia.

³⁸ Mead, Margaret. **Sexo e Temperamento**. SP, Editora Perspectiva, 1972

³⁹ Mead, Margaret. **Macho e Fêmea**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1971

Clifford Geertz diz que ao surgirem novas teorias, geralmente há um entusiasmo inicial e com o tempo, as porções mais sólidas de tais teorias tornam-se parte de nossa bagagem intelectual, permitindo-nos adotar uma perspectiva mais equilibrada, reconhecendo seus alcances e limites.

Assim vem ocorrendo com a Sociobiologia, cujas proposições, embora, sigam na maior parte das vezes, certo rigor investigativo, são vistas com reserva por muitos cientistas sociais, por considerarem-nas fantasiosas demais, seus pressupostos e métodos não resistindo às críticas de antropólogos que vão do culturalismo ao marxismo. É compreensível a repulsa ao biologismo por parte dos antropólogos de pós-guerra, dadas as dramáticas experiências por que passou a humanidade quando acreditou na superioridade dos componentes raciais humanos.

Podemos resumir em duas as intenções da **Teoria Sociobiológica**:

1. Privilegiar as comparações entre o ser humano e outras espécies, usando para tanto certos modelos animais para entender nosso comportamento sexual – proposição contundentemente criticada por Donna Haraway em *Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of Modern Science*.⁴⁰
2. Realçar que as diferentes populações humanas são geneticamente parecidas em suas características mais importantes, e que os genes responsáveis por comportamentos específicos são ativados ou desativados historicamente de acordo com fatores ambientais e sociais.⁴¹

A Sociobiologia deslocou a idéia do *Homo Economicus*, para o *Homo Reprodutor*, que teria, como motivação de seu comportamento cultural, um impulso racional inconsciente de aumentar o número dos genes que passará para futuras gerações. Esta tendência seria observada em todos os seres humanos, tornando-os neste particular, geneticamente idênticos.

Neste contexto, como a reprodução é o elemento basilar explicativo da Sociobiologia, o estudo da sexualidade humana tornou-se por conseguinte, área fundamental de investigação.

Os sociobiólogos têm dedicado particular atenção à análise comparativa das regularidades da sexualidade, concluindo que certos traços que consideram universais, seriam evidência de sua origem genética, entre eles o desaparecimento do cio na fêmea humana, a maior licenciosidade dos homens vis-a-vis as mulheres, e uma criativa teoria

⁴⁰ Haraway, D. *Primate Visions: Gender, race and nature in World of Moedern Science*. NY, Routldge, 1989

⁴¹Werner, D. *Viação Cultural na sexualidade humana. Sexus, Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana*, vol.2, n.5-6, 1990, p.15-22

que relaciona a ideologia demográfica pró-natalista ou anti-natalista com a maior ou menor intolerância ou tolerância como as diferentes culturas se relacionam com as práticas sexuais não-reprodutivas, entre elas, a homossexualidade.⁴²

Marvin Harris, principal representante da chamada **Escola materialista cultural**, destacou a influência dos fatores ambientais para explicar as diferenças culturais – criticando porém, a Sociobiologia, por lançar mão de argumentos genéticos complicados e desnecessários, segundo ele, podendo-se explicar mais facilmente as diferenças culturais da sexualidade com referência direta ao meio ambiente tecnológico, demográfico e econômico.⁴³

A mais recente escola antropológica a se preocupar com a teoria da sexualidade é conhecida por **Construcionismo Social**, e são seus teóricos, mais ainda que os sociobiólogos, que têm contribuído de maneira mais crítica, para uma compreensão genuinamente antropológica do sexo. Michel Foucault, um dos papas da moderna Sexologia, costuma ser considerado a um tempo como pós-estruturalista e um dos principais inspiradores do Construtivismo Social. Em suas obras clássicas **História da Sexualidade, A Vontade de Saber, O uso dos prazeres, O Cuidado de Si, Vigiar e Punir**, entre outras, descarta qualquer possibilidade interpretativa do naturalismo sexológico, identificando o discurso histórico como o fato social modelador da sexualidade, exercido através do aparato do estado e das especializações profissionais. Foucault vê a sexualidade como objeto do conhecimento, com fins sociais fortemente manipulados pelo poder. O Ocidente fala, classifica, discursa, para controlar, daí a nossa fixação na taxinomia de tipos sexuais emblemáticos, com a criança masturbadora, o homossexual perverso, a mulher histérica, o casal malthusiano.

A teoria construtivista da sexualidade teve sua origem entre os historiadores, nos anos 70, que consideram crucial que nos estudos sobre a cultura sexual, se leve em conta os seguintes fatores:

1. Os significados subjetivos dos comportamentos sexuais e a problematização das convicções científicas e populares ocidentais, evitando projetá-las em outros contextos históricos e culturais
2. A distinção entre a esfera do comportamento e a ideologia
3. A análise cuidadosa do corpo, suas funções, sensações e limites, incluindo o estudo da fisiologia do orgasmo e ereção

⁴² Werner, D. *Cross cultural perspectives on Theory and research on male homosexuality*. **Journal of Homosexuality**, v.1, n.4, 1970, p.345-362

⁴³ Harris, Marvin. **America Now. The Anthropology of a changing culture**. NY, Simon & Schuster, 1981

4. A consideração que a reprodução representa apenas pequena parte de um universo sexual mais amplo.⁴⁴

Gagnon e Simon (1973) desenvolveram a teoria de que toda a conduta sexual humana é socio-culturalmente determinada. Não é o órgão sexual que determina a ação, mas os aspectos sociais. Ou como disse sugestivamente o sexólogo Jean Rostand (1961) "sempre que dois corpos se entrelaçam eroticamente, há sempre uma terceira presença: a sociedade".⁴⁵

Uma das características do Construcionismo Social é sua preocupação com **antropologia aplicada**. Diz Leonore Tiefer: "No meio da criação de novos discursos sobre a sexualidade, é crucial que nos conscientizemos de como eles são criados e de nossa própria participação neste processo. Os antropólogos têm muito a contribuir para a pesquisa em sexualidade. A nova situação gerada pela Aids em relação a esta pesquisa está impregnada de possibilidades: trabalhar sobre as questões desafiadoras que a teoria da construção social tem levantado, evitando as limitações dos modelos essencialistas. Os interesses não são pequenos, para a pesquisa em sexualidade, para ao trabalho aplicado na educação e prevenção da Aids, para as políticas sexuais, para a vida humana. Precisamos ser explícitos sobre nossos modelos teóricos, atentos à sua história e conscientes de nossa prática."⁴⁶

Um dos mais significativos posicionamentos do Construcionismo Social é ter desvinculado o papel social do gênero, da natureza e da reprodução, negando a naturalidade da subordinação da mulher e contestando o determinismo biológico.⁴⁷ As análises transculturais provaram que sexualidade não determina os papéis de gênero, mostrando uma vinculação histórica entre a dominação masculina, a ideologia científica e o desenvolvimento da ciência e da biomedicina ocidentais. A crítica feminista e os estudos de gênero contrapuseram a repressão vitoriana do dever conjugal ao orgasmo múltiplo, o erotismo vaginal pelo clitoriano, a ausência de paixão pelo entusiasmo da amante liberada. Sexualidade e gênero se deram as mãos. Várias correntes do pensamento contemporâneo compartilham o mesmo approach do construcionismo social, enfatizando o papel ativo do sujeito guiado pela cultura, na estruturação da realidade social. Trata-se de uma perspectiva endogênica, em oposição ao empiricismo

⁴⁴ Tiefer, Leonore. "Social Constructionism and the Study of Human Sexuality", in Stein, Edward. **Forms of desire: Sexual orientation and the social construction controversy**. NY, Routledge, 1990, p.295 e ss.

⁴⁵ Gagnon, J. & Siimon, W. **Sexual Conduct**. Chicago, Aldine, 1973

⁴⁶, Tiefer, Leonore.op.cit. p.29

⁴⁷ Fausto Sterling, **Myths of Gender: Biological Theories and Anti-Feminist Perspectives**. NY, Taviskock Publ. 1982.

e positivismo que enfatizam a existência objetiva e realidade dos temas do inquérito científico numa perspectiva exogênica.

4. CONCLUSÃO

“No começo era o sexo e o sexo estará no fim. O sexo como característica do homem e da sociedade sempre foi central e assim vai continuar a ser...” escreveu em 1929 profeticamente Alexander Goldenweiser, em seu precursor **Sex and Primitive Society**.

De fato, foi preciso que uma tragédia humana, sexualmente transmissível, a Aids, viesse ameaçar as conquistas da moderna revolução sexual, para chamar a atenção do poder público, da academia e de nossa ciência, para a importância de estudarmos o homem "sem a folha de parreira", como há tantos anos sugeriu Malinowski, um dos pioneiros da Antropologia da Sexualidade. E ao resgatar aqui, em grandes linhas, como foi o percurso dos estudos da sexualidade humana no Ocidente Moderno, temos que ressaltar não só o pioneirismo de vários de nossos mestres, mas também, o avanço notável realizado nos últimos decênios pelas novas escolas de pensamento. É assim que dispomos hoje de numerosos trabalhos na área da Antropologia da Sexualidade e de disciplinas afins, além de significativos estudos interdisciplinares, que apresentam elevados níveis de consistência teórica, de rigor formal e de sutileza etnográfica.

Ao concluir esta reconstituição seletiva de como as diferentes correntes antropológicas abordaram a sexualidade humana, tentando contribuir para o avanço desta discussão, sinalizo alguns temas que considero cruciais e urgentes a serem aprofundados pelo saber e práxis antropológica, a fim de enfrentar os desafios teóricos e práticos que as sexualidades cada vez mais culturalmente diferenciadas, no contexto das infinitas tribos urbanas características das nossas megalópolis e globalmente desterritorializadas, colocam nos tempos ultramodernos ou já pós-modernos que vivemos, a saber:

1. Deve a Antropologia pesquisar com mais ousadia a sexualidade humana, um tema ainda obscuro ou confuso para muitos, devido tanto à censura sexofóbica de uns, incluindo a que persiste, veladamente, em certos setores do meio acadêmico, quanto
-

- à exacerbação sexolátrica superficialista que caracteriza os nervosos tempos de globalização acelerada e excludente em que vivemos;
2. O antropólogo deve despir-se de todo etnocentrismo sexológico a fim de estudar e descrever as culturas sexuais diversas e a nossa própria, com a mesma objetividade com que tratamos os demais temas socioculturais;
 3. Urge aprofundar a compreensão dos diversos significados que as culturas dão às regularidades e especificidades de sexo e gênero, prestando atenção à fragilidade das fronteiras estabelecidas dentro da gramática sexual ideal e factual;
 4. É crucial mapear e interpretar as conexões existentes entre padrões de cultura, experiências individuais e eventos biológicos no desenvolvimento sexual da criança e adultos;
 5. Cabe-nos descobrir o significado das respostas e a regulação de como homens e mulheres organizam suas relações interpessoais e sua conduta sexual e de gênero, atentando para as interfaces do biológico, psicológico e social na configuração da cultura sexual dos grupos e sociedades;
 6. Finalmente, não descurar a vocação orgânica de nossa disciplina, que em épocas de crise local ou mundial, como a vivida hoje por esta epidemia global, melhor do que qualquer outra ciência, tem a Antropologia reconhecida tradição investigativa para diagnosticá-la, adequado instrumental metodológico para descreve-la e o exemplo do arrojo engajado dos fundadores de nosso métier, que deixaram a nós, Antropólogos, a vocação de continuarmos a ser modernos aprendizes de feiticeiros, ousados experimentadores das mais variadas explicações e descrições do contraditório mundo em que vivemos, tendo o privilégio e a imensa responsabilidade de sermos os escribas da oralidade e corporeidade dos povos ágrafos e porta-vozes das minorias sem voz.